

DIMENSÕES DA SOCIABILIDADE E DA CULTURA. ESPAÇOS URBANOS E
FORMAS DE CONVÍVIO NA CIDADE DE ASSIS - 1920-1945.

JANETE LEIKO TANNO – FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS. UNESP/ASSIS.
BOLSISTA FAPESP

23 – CULTURA E CIDADE

RESUMO: Esta pesquisa busca refletir sobre as formas de convívio e os vários espaços onde elas se concretizam, viabilizando a criação de redes de relações nos diversos âmbitos que envolvem o cotidiano das pessoas. Nesse sentido, analisei alguns lugares e lazeres urbanos que reuniam número significativo de freqüentadores e que tinham grande importância no desenvolvimento da sociabilidade em Assis, cidade do interior paulista. Os lazeres são práticas sociais entendidos como ocupação de determinados espaços, com os quais as pessoas identificam-se enquanto indivíduos e grupos sociais devido às redes de relações que são estabelecidas nesses lugares. São formas de demarcação de espaço e de identificação cultural que consubstanciam o sentimento de pertencer a cidade.

DIMENSÕES DA SOCIABILIDADE E DA CULTURA. ESPAÇOS URBANOS E
FORMAS DE CONVÍVIO NA CIDADE DE ASSIS - 1920-1945.

JANETE LEIKO TANNO – UNESP/ASSIS. BOLSISTA FAPESP

23 – CULTURA E CIDADE

Este texto faz parte da minha pesquisa de doutorado e discute algumas dimensões da sociabilidade. Dissertar sobre esse assunto não é tarefa fácil, visto que é uma temática fugidia e muito ampla relacionada a cultura de um povo, seu modo de ver, agir e sentir o mundo que o cerca e que além disso, abarca a vida de uma pessoa em todos os momentos de sua existência e das mais diversas formas e densidades. Portanto, este trabalho trata somente de alguns aspectos concernentes ao tema.

Mais especificamente, esta pesquisa busca refletir sobre as formas de convívio e os vários espaços onde elas se concretizam, viabilizando a criação de redes de relações nos diversos âmbitos que envolvem o cotidiano das pessoas. Nesse sentido, centrei as análises em alguns espaços e lazeres urbanos que reuniam número significativo de freqüentadores e que tinham grande importância no desenvolvimento da sociabilidade em Assis, cidade do interior paulista.

Trabalhei com os clubes mais significativos da cidade como o Club Recreativo que reunia a elite, e a Associação Atlética Ferroviária que congregava os empregados da Estrada de Ferro Sorocabana. Cada qual com seu público específico, organizava as mais variadas formas de lazer, proporcionando um convívio que assegurava a criação de uma ampla rede de relações e interdependências entre os sócios e famílias. Além dos clubes, a rua e o cinema mereceram atenção na pesquisa, visto que nestes lugares concentrava-se número significativo de assisenses para as práticas habituais de lazer.

Nesses espaços, privilegiei as atividades e festas profanas neles promovidos para o deleite dos assisenses, em especial o carnaval, o *footing* e o cinema. Além desses, os bailes, as domingueiras e os piqueniques, entre outras, eram também alguns das principais formas de convívio nesses espaços informais de reunião, lazer, conversas, contatos e estreitamento de relações pessoais e políticas, gerando assim dividendos de vários tipos.

Este universo lúdico, responsável pelo entrelaçamento de relações individuais e de grupo, de criação de redes de amizade, de solidariedade, de influência e poder constituídas em práticas cotidianas, revelou-se mais amplo e menos óbvio ao nosso olhar, quando relacionado às experiências de vida dos ferroviários. Ocupando outros espaços, além dos privilegiados na pesquisa,

os ferroviários ampliavam suas formas de lazer e também seu território de identificação individual e cultural¹.

No artigo, *As tias baianas tomam conta do pedaço: espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro*, Mônica P. Velloso² discute a associação entre espaço e identidade cultural em relação aos negros baianos residentes no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX. Analisando seus lugares de moradias, diversão e trabalho e as várias atividades neles desenvolvidas, Velloso estabelece como eram criadas as redes de relações entre os negros baianos e de que forma essas redes davam o sentido de pertencimento aos espaços ocupados por eles.

Ainda que os clubes, os cinemas e a Avenida Rui Barbosa tenham se configurado em espaços privilegiados de análise da sociabilidade em Assis, muitos outros lugares como alguns bares, rios, praças, loja, a estação de trem, as matas nos arredores da cidade e as próprias casas fizeram parte do território ocupado e pertencido aos assisenses em seu cotidiano. Nesse, era possível realizar inúmeras atividades que possibilitavam construir e consolidar redes de relações fundamentais por meio das quais as pessoas identificavam-se culturalmente e dessa forma construía sua identidade enquanto indivíduo, como esclarece Velloso, quando afirma que *o fato de pertencer a um espaço não traduz vínculos de propriedade (fundiária) mas sim uma rede de relações Esta rede é de tal forma interiorizada que acaba fazendo parte da própria identidade do indivíduo*³.

Compreendo sociabilidade como redes estabelecidas em espaços sociais, onde as pessoas se encontram por livre e espontânea vontade, pelo prazer da conversa e pelo interesse em ser sociáveis como nos cafés e clubes, e também como relações estabelecidas entre indivíduos, remetendo dessa forma ao conceito de civilidade de que tal forma de sociabilidade também se reveste.

Nessa perspectiva, a análise das formas de sociabilidade em Assis entre 1920-1945, exigiu que se conhecesse tal cidade, especialmente sua formação social e política e a partir daí tentar estabelecer as relações entre os comportamentos e condutas dos assisenses e a estrutura social sob a qual ela foi criada.

Ainda que pequena e distante cerca de 450 quilômetros da capital, Assis, desde os anos 20, não viva isolada e perdida nos “sertões paulistas”, ao contrário, ensejava e em parte conseguia partilhar um pouco do movimento, do novo e do moderno sob os quais a capital constituía-se.

Ao longo das décadas, a cidade de Assis foi criando um extenso circuito de comunicação e de troca com cidades vizinhas, com a capital federal e principalmente com a cidade de São Paulo, por meio, principalmente, da Estrada de Ferro Sorocabana, seja transportando pessoas, revistas,

¹ VELLOSO, Mônica. “As tias baianas tomam conta do pedaço- espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro”. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.3, n.6, 1990.

² Idem.

³ Idem. p. 208.

jornais, filmes e juntamente com tudo isso, conhecimento, cultura e diversão, possibilitando dessa forma aos assisenses sair do marasmo cotidiano e do isolamento.

Dessa forma, ao longo dos anos Assis foi conquistando elementos que a dotaram de vida, esperanças e perspectivas apesar dos vários problemas no saneamento básico, educação, saúde, enfim, de infra-estrutura que possibilitasse maior crescimento e riqueza. Palco de disputas políticas e de conquistas sociais, de reclamações e de exercícios de cidadania, de festas, de carnaval, de desejos e de diferenças sociais.

Nesse ambiente circulavam homens, mulheres e crianças no cumprimento de tarefas diárias e no desfrute das horas de lazer. Cada um cuidando de sua vida, de sua família, trabalho e interesses inscreveram essas vivências na história da cidade, compondo, assim, imagens de uma cidade em movimento, dotada de vida e paixões. Com essas práticas, foram ocupando, disputando e conquistando os espaços em Assis, construindo suas relações e dessa forma ampliando seu território de atuação e forjando identidades individuais e de grupo.

Nesse sentido, a atuação das pessoas nessa sociedade, como e onde transitavam em meio aos diversos espaços que Assis oferecia, fossem eles públicos ou privados, formais e informais, levam-nos a reflexão sobre suas formas de convívio e as redes de relações e poder engendradas por elas que assumiam importância significativa nos jogos da política local.

Nesta apresentação, a ênfase será dada às formas de lazer da elite assisense no interior de um espaço específico: o Clube Recreativo.

O crescimento populacional, a urbanização com um comércio crescente, incrementado e facilitado pela Sorocabana, paulatinamente, viabilizaram à sociedade local melhores condições de vida, lazer e trabalho. Tudo isso trouxe para a comunidade maior complexidade na organização social e conseqüentemente nas relações sociais, assinalando para a criação de inúmeros lugares e formas de sociabilidade, dentre eles o Clube Recreativo com seus bailes e jogos.

Dentre os diversos espaços de sociabilidade criados pela população local, o clube destaca-se por sua informalidade, mas principalmente pelo seu caráter seletivo, por aglutinar somente grupos sociais com características específicas dadas pelo poder econômico como o caso do Club Recreativo, ou pertencentes a uma empresa como o da Estrada de Ferro Sorocabana que possuía a Associação Atlética Ferroviária.

Funcionando como lugares de convivência, de diversão, de reunião de pessoas para simples conversa, os clubes agregaram sentidos diversos e podiam adquirir grande importância social e política, em especial, em uma pequena comunidade como Assis.

A circulação e a vivência que esses espaços e especialmente os eventos neles ocorridos possibilitavam aos que o freqüentavam, devem ser entendidos como práticas sociais, políticas e

culturais que fazem parte do cotidiano de uma pessoa em busca da sua inserção na comunidade, do fortalecimento e preservação de relações em todos os setores da vida pessoal, profissional e política.

Entre os clubes existentes em Assis, o mais antigo e importante foi o Club Recreativo. Criado em 1921, por iniciativa do juiz local, Vasco Joaquim Smith de Vasconcellos e sua esposa, congregava somente a elite. É interessante notar que este senhor pertencia a uma família residente no Rio de Janeiro onde ele nasceu, foi criado e formou-se, estando então acostumado a uma vida social mais agitada. Sua iniciativa de criar uma sociedade de iguais na pequena cidade pode estar ligada a um desejo de reprodução do que ele conheceu e freqüentou anteriormente, e também de distinção e projeção social juntamente com outros mais privilegiados da comunidade.

A elite que comandava a política na cidade era a mesma que freqüentava o Club Recreativo e que circulava também por outros espaços sociais, públicos e privados na tessitura de sua rede de relações, de fortalecimento de laços pessoais, políticos, econômicos e na defesa de seus interesses. Ser sócio desse Club e participar de seus eventos, mesmo como convidado, está intimamente ligado a essas ações. Dessa forma, a função do Club *como um ponto de recreio e convivência das famílias de Assis*, engloba aspectos mais amplos e definidores do grupo social que o freqüenta.

O Club Recreativo passou mesmo a representar um espaço de distinção, de hierarquia, de pertencer a uma camada mais alta da sociedade. Entretanto, pessoas pertencentes a extratos sociais diferenciados fizeram parte desse clube, como o sr. Ulysses Benozati que explicou da seguinte forma a inserção de sua família no Recreativo: *para ser sócio do Club Recreativo não era importante ter o dinheiro, era importante que tivesse uma profissão, uma qualificação, fossem pessoas boas.*

Ainda que cada pessoa rememore de forma diferenciada uma mesma época ou episódios, as palavras do sr. Ulysses a respeito do Recreativo podem dar uma dimensão do significado e da importância deste espaço para os homens que o freqüentavam. Segundo ele, *o Club era um complemento da vida da gente. Nós tínhamos a nossa casa e tínhamos o Club. Era uma espécie de apêndice, um complemento da nossa vida. Freqüentávamos todas as noites o Recreativo. Aqui tinha o jogo de baralho, a gente vinha e batia um papo, comentava os episódios do dia.*⁴

Importa salientar que o entrevistado ao dizer que o Club era um complemento da vida dos moradores de Assis, a inclusão de mais pessoas, essa **gente, nós**, em sua fala, está se referindo a outros homens que além dele iam ao Club diariamente. Atividade dificilmente estendida às mulheres que freqüentavam o Club em datas e períodos específicos.

Ao abordar os atores presentes nos espaços de sociabilidade, deve-se levar em conta que a rede de relações estabelecidas entre os homens é mais ampla do que a das mulheres e mesmo entre estas e os homens. Isso se deve ao fato do espaço público ser ainda ocupado majoritariamente pelos

homens, mesmo que ao longo das décadas a proporção tenha diminuído com uma maior presença feminina no mercado de trabalho e nos espaços públicos. Nesse sentido, enquanto aos homens era possível estabelecer redes de trabalho, de amizade, de classe, cafés, agremiações, associações, além de parentesco e vizinhança, as mulheres estavam mais restritas a essas duas últimas, sendo nessas, porém, concretizadas uma sociabilidade mais densa.

Freqüentadora assídua do Club Recreativo, dona Irene Ribeiro Salotti, lembra dos bailes como *reuniões de família, como se diz, das pessoas mais cultas, mais tradicionais, mais ricas, mais de poder, os bailes eram muito importante e precisava que a gente se vestisse assim, bem adequada com a noite que ia ser a rigor.*⁵

É interessante perceber que as lembranças de dona Irene a respeito do Recreativo apontam um outro sentido para tal espaço, diferente do colocado pelo sr. Ulysses. Para ela o Club representava um lugar no qual somente pessoas ricas, cultas, tradicionais, e que tinham poder freqüentavam, como a sua família, cujo pai possuía grandes plantações de café e algodão, além de ter sido pecuarista e prefeito de Maracá. Cada pessoa, ao rememorar, cria representações do passado que melhor se adequam ao seu presente, visto que ela sempre teve uma vida pública, tanto como farmacêutica e como vereadora por duas vezes na cidade, a primeira como suplente em 1936 e a segunda em 1989 e ainda como integrante da comissão que fundou a Casa da Criança em 1950.

Por esses depoimentos ficam claros os significados do Club Recreativo como espaço e como representação do poder e da riqueza de certas pessoas na cidade. Mais do que isso, o Club funcionava como espaço propício para a sociabilidade, onde os padrões gestuais, de comportamento e de educação podiam ser observados, possibilitando fazer distinções entre os frequentadores, e a escolha dos melhores pretendentes, tanto para os moços quanto moças casadoiras, num claro intento de preservação de status e de consciência do lugar social ocupado na sociedade, conforme explicita dona Irene, ao comentar sobre o Club e a figura de José Nogueira Marmontel:

*(...) E a gente fazia aquelas festas maravilhosas. Esse José Nogueira Marmontel ...foi prefeito em Assis...e ele gostava, era um homem bonito, forte, ele gostava de fazer bailes, essas coisas, decidido. Ele acha que da vida na sociedade é que nascem as boas famílias, né!...No clube é onde a gente vê, como é que se diz? Até aonde o rapaz ou a moça são distintos, são boas, são corretas*⁶.

Portanto, o gestual, o comportamento e a roupa desvelam o caráter das pessoas, isto porque como nos esclarece Jacques Revel, (...) *Os gestos são signos e podem organizar-se numa*

⁴ Idem.

⁵ Entrevista com Irene Ribeiro Salotti. 04/06/1999.

*linguagem; expõem-se à interpretação e permitem um reconhecimento moral, psicológico e social das pessoas (...)*⁷

Cabe ainda salientar que embora, estas lembranças estejam centradas na figura de uma pessoa, é plausível que este tipo de postura regesse as relações interpessoais de muitos dessa elite. Um outro exemplo é dado por Francisco Torres Sobrinho. Lycurgo Filho ao comentar sobre ele, afirma:

*Moreno, bem vestido, falante, educado, “poseur”, granjeou clientela e salientou-se entre os inúmeros causídicos do foro. Alugou boa casa...comprou automóvel aberto – como estava na moda – o último tipo, e estadeava importância. A esposa mal aparecia, mas as três filhas que possuía, Aida, Nenê e Santinha, ajudavam-no a salientar-se na nascente sociedade. Exuberantes, sorridentes, desenvoltas, elegantes, caprichosamente vestidas, as três faziam sucesso e eram figuras obrigatórias nas festas familiares*⁸.

A consciência da importância em frequentar determinados espaços, participar de certos eventos e, principalmente, aparecer e exibir seus dotes, riquezas e poder é notória nos comportamentos e posturas tanto do sr. Francisco quanto de suas filhas, perante a sociedade local. Vale a pena observar que para granjear maior prestígio junto aos seus iguais, este senhor expunha suas filhas, elegantemente vestidas e sorridentes, nas festas e reuniões familiares, preservando porém a esposa que mal aparecia. Talvez por não possuir os mesmos dotes que as filhas, ou porque eram as filhas que poderiam garantir uma união favorável, acrescentando mais riqueza e prestígio à família.

Fica explícito, portanto, que uma maior sensibilidade, polidez e elegância tanto nas vestes quanto nos gestos e condutas eram observadas pelos integrantes dessa elite, no exercício da sociabilidade.

Nos bailes, regras e condutas específicas geriam o prazer da dança. As moças deviam permanecer sentadas, como numa vitrine para admiração dos rapazes, que após escolherem seu par, deveriam convidá-la para uma contra-dança.

(...) A gente sentava, os rapazes iam lá e tiravam a gente para dançar...parava a música eles iam levar a gente no lugar, sentava, depois eles

⁶ Idem.

⁷ REVEL, Jacques. “Os usos da civilidade” In: ARIÈS, P & DUBY, G. *História da Vida Privada*. n.º 3 São Paulo: Cia das Letras.p.172.

⁸ SANTOS FILHO, Lycurgo de C. op. cit. p. 77.

*saíam, ficavam para lá. Às vezes se gostava ia dançar novamente, mas não ficava assim, coisa não. Dançava, eu achava bonito porque ia de braço dado, ficava andando em volta do salão, e quando começava a tocar novamente a música, começava a dançar novamente (...)*⁹

Dançar então, criava condições para manifestação de outras condutas além da dança em si. A volta pelo salão antes do início da música pode ser pensada como um desfile, a exibição do par, de *status* e de poder.

O seu contrário, isto é, permanecer sentada possivelmente era o pior que poderia acontecer a uma senhorita num baile, denotando sua falta de beleza, sua pouca habilidade para a dança, ou escassez de prestígio e riqueza.

Estar no Club Recreativo e participar de suas atividades adquiriam outros sentidos além dos aparentes. Significava pertencer a uma elite, ter privilégios e poder exibi-los.

A importância das instituições culturais, formais e informais foi estabelecida por Needel em seu estudo sobre a sociedade e a cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século XIX para o XX. Neste, o autor esclarece ao longo dos capítulos, a função e a lógica dos clubes e salões entre outros espaços, freqüentados pela elite enquanto espaços criados e vivenciados segundo os modelos aristocráticos franco-ingleses ¹⁰.

Explicitando o caráter político dessas instituições que formavam uma sociedade fechada e conservadora, no qual a riqueza e o talento estavam conjugados ao apadrinhamento, característico da ampla rede familiar a que os indivíduos estavam ligados, e recorriam na busca da ascensão social ou conservação da posição alcançada na sociedade brasileira. Sobre essas instituições Needel afirma:

*(...) Quaisquer que fossem os objetivos a que se propunha (...) é inegável que estas instituições exerciam considerável influência sócio-política. Elas serviam como cenário informal para que indivíduos e famílias ostentassem sua riqueza, exibissem sua posição sócio-econômica e revelassem em público sua altura (...)*¹¹

Este comentário acerca dos clubes sociais, ainda que se refira ao contexto da *Belle Époque*, caracteriza de forma clara o Club Recreativo de Assis. Com esse mesmo sentido podem ser avaliados o Recreativo e seus participantes, levando, inclusive o sr. José N. Marmontel a ver no

⁹ Entrevista com dona Irene Ribeiro Saloti. 04/06/1999.

¹⁰ NEEDEL, J.D- op. cit.

Club o lugar propício para conhecer as pessoas de boa família e sociedade, opinião já comentada anteriormente.

Nota-se que os depoentes que participaram do Club Recreativo, têm clara sua posição numa camada mais alta, mais privilegiada da sociedade local. E, inclusive, expressam com orgulho seu pertencimento a esse grupo que lhes emprestou no decorrer de sua vida uma identidade social e mesmo individual.

¹¹ NEEDEL, Jeffrey. op. cit. p. 104.